

Etanol brasileiro tem potencial para ser o principal combustível de mobilidade urbana, diz Landell

Manuel Alves Filho
Edimarcio A. Monteiro
edimarcio.augusto@rac.com.br

O Brasil possui condições reais de transformar o etanol no principal combustível para a mobilidade humana, assumindo a liderança mundial na redução das emissões de poluentes veiculares, principais causadores do efeito estufa e das mudanças climáticas. Derivado da cana-de-açúcar, um produto renovável, o etanol pode ser utilizado em carros híbridos ou elétricos, por meio da produção de células de hidrogênio que geram eletricidade para alimentar os motores. Esta avaliação é do diretor-geral do Instituto Agronômico de Campinas (IAC), Marcos Guimarães de Andrade Landell. Nos últimos 40 anos, Landell não apenas testemunhou, mas também protagonizou a transformação da cultura canavieira em uma das principais atividades agrícolas do país, que, na última safra, atingiu o recorde de 713 milhões de toneladas, faturou R\$ 96,9 bilhões e gerou cerca de 3,6 milhões de empregos diretos e indiretos, sendo um dos setores que mais empregam no país, além de reunir 72 mil agricultores.

"O país tem 8,5% de sua área cultivada e podemos ampliar essa área em pastagens e outras culturas sem a necessidade de desmatamento. Podemos produzir quatro a cinco vezes mais etanol. Isso significa exportar o produto para várias regiões do mundo, transformando-o em um bem de exportação", afirmou o pesquisador em entrevista concedida a convite do presidente-executivo do Correio Popular, Italo Hamilton Barioni. Atualmente, Landell está à frente de um dos principais institutos de pesquisas agrícolas do país, que criou mais de 1.150 novas variedades de mais de 100 espécies diferentes em quase 137 anos de história, a serem completados no próximo mês. O diretor-geral do IAC também destaca o potencial da agricultura nacional e como o instituto busca alternativas para financiar suas linhas de trabalho e contornar o esvaziamento, com 57% das vagas de pesquisa e 80% das de pessoal de apoio ainda abertas.

O senhor é filho de qual cidade?

Eu sou filho de Campinas. Eu tenho a impressão que nos últimos 40 anos sou o único diretor-geral do IAC que é de Campinas. Meus avós paternos moraram nessa cidade, mais ou menos, a partir da década de 20 do século passado. Pelo lado da minha mãe, a família é de Ouro Preto. Meu pai saiu do Culto à Ciência e prestou vestibular na faculdade de Minas, em Ouro Preto, para Engenharia. Ele foi para lá com 15 anos de idade e com 16 anos e meio entrou na faculdade de Engenharia Civil. Ele teve a sorte de aprender instrumentos, tocar bandolim. Ele entrou para uma turma de estudante que saía à noite para fazer serenata. Inicialmente, ele ficou amigo dos irmãos da minha mãe e dos meus avós, que o chamavam para tomar sopa quando acabava a apresentação. Depois, acabou namorando a minha mãe e casando.

Depois, ele voltou para cá, entrou na Mogiana (Companhia Mogiana de Estradas de Ferro). Só que ele tinha um vínculo muito grande com Ouro Preto, adora. Então, duas vezes por ano fomos para lá, isso em uma época que a viagem era aventura. Com isso, acabei criando vínculos com a cidade, acompanha o Festival de Inverno, vi o primeiro que lançaram no final da década de 60, assistia os filmes franceses e aprendi a tocar e compor influenciado por essa história de Minas.

Qual a sua ligação com a música?

Anos depois, por volta de 1960, eu e um amigo que era ligado ao Clube da Esquina começamos a fazer composições juntos e participar de alguns festivais. Ele me disse que tinha uma melodia há 10 anos, mas não conseguia fazer a letra e me pediu para tentar. Eu tinha ideia de fazer uma homenagem a Ouro Preto por causa da minha mãe. Escrevi uma letra chamada "Vila Rica" e acabei ganhando o festival, que teve a participação de músicos de sete Estados, inclusive o compositor do Secos e Molhados. A música foi muito elogiada porque acharam que tinha muita poesia. Posteriormente, o pessoal do 14 Bis, o Cláudio Venturini, me disse que conhecia mais de 20 músicas que falavam sobre Ouro Preto, mas essa é a que tem a poesia mais bonita. Teve uma época que fiquei tentado a seguir a carreira musical, isso no início que entrei no Instituto Agronômico, já formado e com mestrado. Eu pegava um violão e a melodia saía fácil, muito mais do que sendo pesquisador. Tentei compatibilizar a coisa, mas, uns dois anos depois, desisti. Já estava em Ribeirão Preto, que tinha acabado de se tornar a principal região produtora de cana-de-açúcar do Brasil. Nessa época, era comum eu dançar por volta de umas 7 e meia da noite, cansado depois de um dia na estação experimental, colocar o despertador para tocar às 10 e meia e ir me apresentar em bares e tocar as músicas que fazia. Uma e meia da manhã ia para a cama para levantar às 6 e começar tudo de novo. Depois, eu vi que era muito apaixonado por pesquisa também e esse caminho era melhor (risos).

O senhor falou no Clube da Esquina. Chego a ter contato com Wagner Tiso, Lô Borges, Milton Nascimento e outros?



O diretor-geral do Instituto Agronômico de Campinas (IAC), Marcos Guimarães de Andrade Landell, instituiu o cultivo da cana em 1933

ENTREVISTA

Etanol pode ser a salvação da lavoura, diz Landell

Diretor do IAC aposta no derivado da cana para mobilidade sustentável



O diretor-geral do Instituto Agronômico de Campinas (IAC), Marcos Guimarães de Andrade Landell, visitou a sede do Correio Popular, onde concedeu uma entrevista

Eu tive contato com Lô Borges em duas ou três ocasiões, almocei com ele, inclusive. Sentávamos à mesa para falar sobre música. Também tive contato com o Toninho Horta. Todos são muito simples. O mineiro tem muito da simplicidade, mas tive mais contato com o pessoal do 14 Bis. Me lembro do Lô Borges contar sobre a emoção dele fazer coisas com Milton Nascimento. O Milton havia acabado de ganhar um prêmio de música em Nova York e o Lô Borges falava, quase chorando, da emoção do Milton ter aberto espaço para os dois trabalharem juntos. Eu me encontrava sempre com esse pessoal no Festival de Inverno de Ouro Preto. Meus avós moravam em uma casa lá, na Rua Direita, que depois descobrimos ter sido o primeiro hotel de Vila Rica, antigo nome da cidade. A casa era de três andares e tinha muitos quartos. Nós éramos em 25 netos, todos ficavam hospedados lá e ainda sobrava quarto. A casa era de 1750 mais ou menos e está lá até hoje. A família vendeu e hoje é uma pousada.

Como foi sua entrada para a Agronomia?

Eu fiz a faculdade de Engenharia Agronômica em Jaboticabal. Minha família ainda tem uma propriedade, uma fazenda em Casa Branca. Meu avô, que dava aula no Culto à Ciência, era muito multiprofissional. Tra-

hava à noite como dentista, durante o dia dava aula no Culto à Ciência, era farmacêutico e ia, nos finais de semana, para a fazenda para tocar o negócio. Ele era muito trabalhador e me ensinou a trabalhar ainda novinho, pu-xar o café no terreiro, isso quando eu tinha 8, 9 anos. Eu fazia isso com meus primos e virava brincadeira no final. Com isso, fui me apaixonando por essa vida do campo. Meu pai achava que eu seria engenheiro civil, raciocínio fácil na área das Exatas. Eu prestei vestibular, sem fazer cursinho, para a Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), mas não passei. Foi o que eu precisava de pretexto para conversar com ele para mudar o curso. Eu disse a ele que não me via em São Paulo no meio daquelas obras grandes, que aquilo me depressão. Eu queria ficar perto do campo. Ele concordou, mas cobrou que eu me dedicasse aos estudos. Logo no segundo ano do curso já comecei a me envolver com pesquisa. O meu orientador, o professor José Geraldo Baumgarten, adorava o Instituto Agronômico, onde havia sido pesquisador. Ele identificou que eu tinha jeito para pesquisa e começou a investir. Eu já conhecia o IAC porque meu avô me levava lá por ser amigo de pesquisadores. Tudo o que chegava de novidade lá ele plantava no sítio. Esse meu avô, Inácio, tinha uma história que levava à ciência. Ela



Escrevi uma letra chamada "Vila Rica" e acabei ganhando o festival, que teve a participação de músicos de sete Estados, inclusive o compositor do Secos e Molhados. A música foi muito elogiada porque acharam que tinha muita poesia

era sobrinho de um padre que, quando estudou em Roma, fez a Universidade de Física. É o padre Roberto Landell de Moura, meu tio-bisavô. Meu avô contava a história desse tio e eu ficava deslumbrado. Ele foi primeiro a fazer uma transmissão de voz a longa distância, a partir da Avenida Paulista, em São Paulo, para um bairro bem distante. Tudo isso acabou me influenciando. Quando estava no último semestre da faculdade, o professor Baumgarten me estimulou a fazer mestrado, em uma época que poucas pessoas faziam. Nessa época, era uma fase difícil para meu pai, porque os três filhos estavam fazendo faculdade, sendo dois fora de Campinas. Para aliviar um pouco, comecei a dar aula de violão e montei uma escola de inglês com um amigo. Por Deus, foi um milagre, em três meses nós conseguimos 330 matrículas em Jaboticabal. Na segunda campanha, seis meses depois, chegamos a 540 alunos. Aí comecei a ganhar muito dinheiro e falei para o meu pai que não precisava mais me ajudar.

A escolha pela ciência foi algo muito difícil, pois o senhor teve duas tentações, a música e o empreendedorismo?

O meu sócio tinha planos de expandir a escola para outras cidades, mas eu disse que não iria com ele. Meu sonho era ser pesquisador. O dinheiro que estava ganhando na escola me proveu para fazer mestrado. No finalzinho de 1981, fiz concurso para entrar no IAC e participei de um projeto novo com cana, Pro-Oeste. A cana era muito restrita em São Paulo, que tinha muito café, algodão e algumas outras culturas. Na época do Pro-Alcool, algo que muitos países estão indo atrás agora com projetos equivalentes, 50 anos depois, o projeto era levar a cana para o Oeste paulista, que era dominado por pastagens, que era de péssima qualidade, provocava muita erosão e de baixa produtividade. A cana foi escolhida por ser uma planta rústica. Muitas indústrias surgiram lá para fazer etanol principalmente. Algumas depois também passaram a produzir o açúcar. Meus primeiros projetos já no IAC era nessa região, Penápolis, Lins, Araçatuba, que era um fim de mundo naquela época. Eu entrei no IAC no dia 13 de julho de 1982.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Popular - Campinas/SP

Seção: Cidades **Caderno:** A **Página:** 4